

GENTE DA CIDADE



Antônio Maria

Antônio Maria Menino Grande Ninguém Me Ama Araujo de Moraes, nasceu em 1921 na celebrada (por Manuel Bandeira) rua da União, no Recife; o pai era senhor de engenho e a mãe filha de usineiro. Fez os cursos primário e secundário no Colégio Marista, onde foi contemporâneo do poeta João Cabral de Melo Neto e do cientista João Leite Lopes.

Depois do ginásio fez dois anos do pré-técnico, mas na hora do vestibular para Agronomia resolveu limitar-se a um curso de adubação e irrigação, findo o qual meteu-se por um ano nos canaviais a mexer com terras e águas — e voltou para o Recife e foi ser locutor da Rádio Clube de Pernambuco dando um murro tremendo. Por exemplo: aos domingos trabalhava 11 horas consecutivas.

Conheceu Fernando Lôbo que o levou pela primeira vez a um "cabaret", aconselhando-o a largar o emprego horrível, largou, ficou 3 meses no ora veja, voltou como espiquer esportivo. Em 1940 esteve no Recife o Henrique La Roque de Almeida; conheceu o rapaz, não disse, não prometeu nada, mas quando chegou ao Rio escreveu: tinha arranjado para ele irradiar futebol na Rádio Ipanema em um programa do Casino Atlântico.

Veio, atuou com o nome de Araujo de Moraes ("depois achei que parecia nome de laboratório farmacêutico") mas no fim de um ano voltou para o Recife onde ficou em 1942 e 1943, então já escrevendo programas, em 44 foi dirigir para os "Associados" a Ceará Rádio Clube, em 45 a Rádio Sociedade da Bahia; ficou popular, foi candidato a vereador, sua eleição era uma barbada, mas seus comícios, com automóveis e "show", eram os maiores, mas às vésperas do pleito (1947) houve um acidente e uma forte campanha pessoal (o popular Jacaré fazia comícios contra) perdeu a eleição, foi amplamente vaiado e ameaçado de surras.

Em 1948 veio para o Rio como diretor da Tamoio e da Tupi e foi também o primeiro diretor da Televisão, mas hoje está convencido que só deve dirigir mesmo automóvel, sua mais visível paixão. Em 1952 passou-se para a Mayrink e hoje (escreve, ensaia e faz) semanalmente 3 programas (médias de 13 páginas datilografadas cada um) para a Mayrink, um para a Nacional de S. Paulo, onde vai toda semana, além disso a sua crônica de MANCHETE e seis crônicas para o "Diário Carioca". Ninguém entende muito bem como consegue ser visto pelos bares e madrugadas, como pôde ser diretor artístico do "Vogue", escrever o atual "show" do "Casablanca" e fazer letra e música de tanto sambacção para ajudar nosso povo a ficar triste com mais suavidade. Com 1,82 de altura e um peso digamos assim imponderável ("você acha que eu vou subir numa balança?") esse gordão grandão é um inquieto, que tem mais energia do que banhas, um eficiente e um desregrado com espantosas proezas de força de vontade. Seu metabolismo financeiro é tão ativo quanto o biológico; ele fatura e despende muito, inclusive relações, e tende a fazer cada vez mais movimento. Está com muitas composições para lançar, inclusive um Frêvo n.º 2, a marchinha "Posso viver sozinho", os sambas "Portão Antigo", "Caso Perdido", "Fulana de Tal", "Aconteceu em S. Paulo", e "Silêncio", admira principalmente Araci de Almeida ("meu Maria", é como Araço o chama) e Nora Ney, imita qualquer pessoa, é generoso e esperto e gosta de ser ambas as coisas. Seu esporte predileto é "pixar" Fernando Lôbo, mas dá gostosas gargalhadas quando sabe de algum veneno que o Lobinho fez contra ele; nunca passaram seis meses sem brigar de mentira para depois fingirem que estão de bem.

A fotografia acima não é melhorada; é dele mesmo, mas em 1947, quando era candidato a vereador e precisava ser digno de perfil, mas sem gravata, como convinha a um moço cujas simpatias oscilavam entre a esquerda e o centro. Quando telefona para a gente diz que "é Zé Maria", porque acha mais fácil.

Há um conto escandinavo, escrito por não sei quem há muitas primaveras, em que o moromo se curva respeitosamente e anuncia à senhora Condessa:

— Com a vossa permissão, a Primavera chegou.
— Diga-lhe que seja benvinda e pode permanecer três meses em minhas terras.

Então vem o primeiro domingo da Primavera. E havia um velho mendigo que tinha uma perna de pau. Suspeitava-se que em sua mocidade houvesse sido um terrível pirata; de qualquer maneira era agora apenas um velho mendigo que pedia esmola todo domingo na porta da igreja. E havia uma rica velhinha que todo domingo dava ao mendigo uma grande moeda de cobre. Naquêles domingos, entretanto, por ser o primeiro da Primavera, deu-lhe uma grande moeda de ouro. O mendigo sorriu e pediu licença para lhe oferecer uma bela rosa.

— Que rosa tão bela, mendigo? Onde a colheu?

— Nasceu em minha perna de pau, senhora. Guardei apenas isso do conto escandinavo que li há muitos anos. Lembro-me ainda vagamente de um casal de namorados que sai pelo campo — e a Primavera é tão linda que eles se esquecem, e voltam mil anos depois, ainda primaveris, em outra Primavera...

Mas isso era na Escandinávia, em um daqueles países louros e frios. No Rio será que existe Primavera? Proponho que ela exista; apenas o homem distraído não a vê chegar, nem a sente; nossa Primavera é sutil e para entrar na cidade não pede licença ao Prefeito.

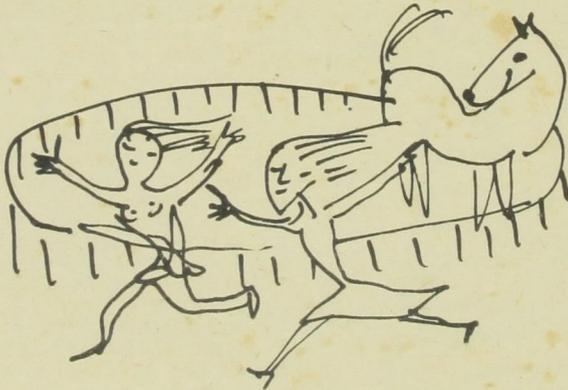
liricos, e esvoaçariam no céu azul; na Gávea os cavalos ficariam brincando de carrossel e as senhoras e cavalheiros correriam felizes pela pista com flôres nos dentes. No cinema, Gina Lolo-brigida sairia da tela e viria sentar na poltrona ao meu lado:

— Sim, é bem verdade que me amas? Ouvi o teu suspiro; vi, na penumbra, teus olhos que brilhavam. Quero ficar junto de ti. Io te voglio tanto bene!

Eu me assustaria, mostraria meus papéis, dizendo que devia haver algum engano, eu não era nenhum artista de cinema, não era nem mesmo o Aloísio Sales, era apenas um espectador, o pobre do Braga, obscuro trecho da realidade brasileira...

Mas ela recitaria:

"Comigo fica ou leva-me contigo
Dos mares à amplidão".



Iriamos para a amplidão dos mares. E na volta tomaríamos grandes, imortais, chuveiradas. Pois na Primavera (faça o que quiser a Inspetoria de Águas) na Primavera todos teremos água, pois nascerão fontes líricas no metal das torneiras e de nossas banheiras saltarão piexes voadores que se porão a cantar como verdadeiros gaturamos e nós todos seremos acqua-loucos de felicidade. Primavera!

R. B.



É claro que falta à nossa gente um pouco de imaginação para sentir, para viver a primavera. Essa gente que espera condução em longas, tediosas filas — por que não aproveita o tempo da espera para fazer rodas e cantar? Imagino a cidade sob esse delírio primaveril; os bondes criariam asas, guiados por condutores de grandes bigodes

Nº 46

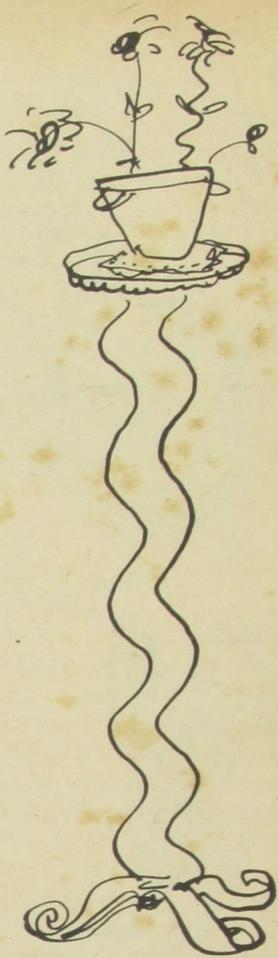
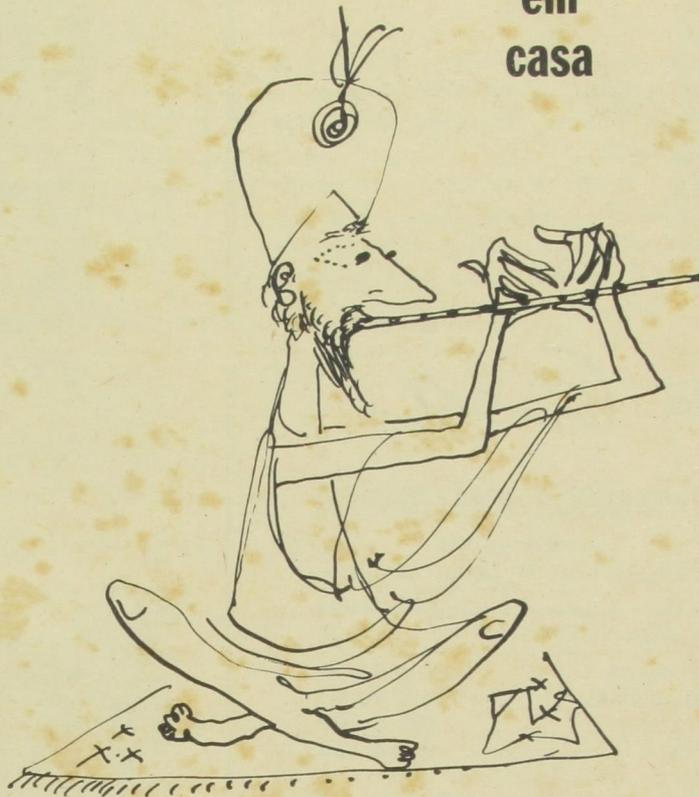
A POESIA É NECESSÁRIA TAMBÉM ÀS CRIANÇAS

Dois poemas infantis de

VINÍCIUS DE MORAIS

Vinícius de Moraes (nascido no Jardim Botânico, rua Lopes Quintas, em 1913), diplomata de carreira, é um dos poetas mais amados e menos lidos do Brasil, pois todos seus livros estão há muito esgotados. A Editora "A Noite" vai publicar breve uma antologia sua, e João Cabral vai imprimir, com ilustrações de Thiré, seus poemas infantis, ("Bichos, coisas e gente") feitos há muito tempo; aí ficam duas amostras. Vinícius vai lançar também dois sambas um gravado por Arací e outro por Nora Ney.

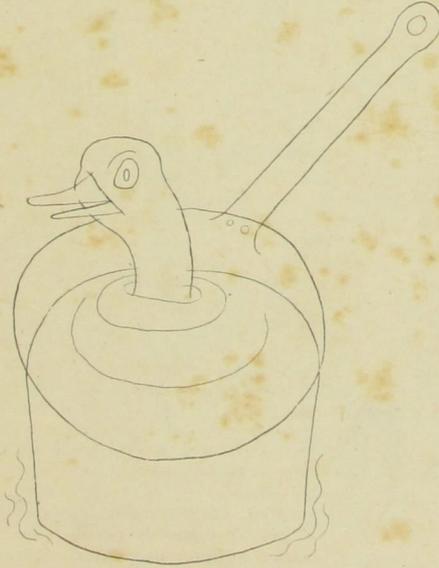
Treinando em casa



O PATO

RN 49

La vem o Pato	Levou um coice
Pata aqui, pata acolá	Criou um galo
Lá vem o pato	Comeu um pedaço
Para vêr o que é que há.	De ginipapo
O Pato pateta	Ficou engasgado
Pintou o caneco	Com dor no papo
Surrou a galinha	Caiu no pôço
Bateu no marreco	Quebrou a tigela
Pulou do puleiro	Tantas fêz o moço
No pé do cavalo	Que foi pra panela



SÃO FRANCISCO

RN 48

Lá vai São Francisco
 Pelo caminho
 De pé descalço
 Tão pobrezinho
 Dormindo a noite
 Junto ao moinho
 Bebendo a água
 Do ribeiriinho
 Lá vai São Francisco
 De pé no chão
 Levando nada
 No seu surrão
 Dizendo ao vento
 Bom-dia, amigo
 Dizendo ao fogo
 Saúde, irmão.
 Lá vai São Francisco
 Pelo caminho
 Levando ao colo
 Jesuscristinho
 Fazendo festa
 No menininho
 Contando histórias
 Pros passarinhos.

